**PROGRAMAÇÃO**

**Quarta, 11/05**

**Cine Passeio**

(R. Riachuelo, 410 , Centro)

**19h30 - Sessão de abertura**

Eneida, de Heloisa Passos

(Brasil/79”/2022)

Bate-papo com Heloisa Passos

Mediação: Sandra Nodari

Eneida, 84, faz uma jornada rumo a seu passado em busca da primogênita que não vê há mais de 20 anos. Com a ajuda de sua filha do meio, a cineasta Heloisa Passos, Eneida embarca nesta odisseia que tenta derrubar o muro que divide a família, transitando por momentos de descobertas, esperança, medos e incertezas. Com estreia mundial no 24º Festival du Cinéma Brésilien de Paris e no É Tudo Verdade 2022, o longa tem sua primeira exibição em Curitiba durante o FIDÉ Brasil.

Heloisa Passos

Realizadora e diretora de fotografia curitibana, Heloisa Passos dirigiu vários curtas-metragens, entre eles o premiado *Viva Volta,* com Raul de Souza e Maria Bethânia. Seu primeiro longa-metragem como diretora, *Construindo Pontes,* estreou no IDFA, maior festival de documentários do mundo, tendo recebido o Prêmio Marco Antônio Guimarães no 50 ̊ Festival de Cinema Brasileiro de Brasília, Menção Honrosa no CineEco 2018 (Portugal) e o prêmio da crítica CAMIRA no VIII Festival Márgenes (Espanha). Entre os mais de 40 filmes que fotografou, estão longas premiados internacionalmente, como *Manda Bala* (excelência em Cinematografia Sundance, 2007), *Nothing Lasts Forever* (Berlinale, 2022), *Mulher do Pai* (Berlinale, 2017 e melhor Fotografia no Festival do Rio), *Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo* (Veneza, 2009 e melhor fotografia no Festival do Rio). Fez também fotografia adicional nos documentários *Democracia em Vertigem* (indicado ao Oscar em 2020) e *Citizenfour*(vencedor do Oscar em 2015). No cinema de ficção, fotografou *Bocaina* (2022), *Fortaleza Hotel* (2021), *Deslembro* (2018), *O Que se Move* (2012) e *Rânia*(2011), entre outros. Na TV, assina a direção de fotografia da série *Me Chama de Bruna* (Fox). É membra da Associação Brasileira de Cinematografia (ABC), do Coletivo de Mulheres e Pessoas Transgênero do Departamento de Fotografia do Brasil (DAFB), além de integrar a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

**Quinta, 12/05**

**Cinemateca de Curitiba**

(R. Carlos Cavalcanti, 1174, São Francisco)

**19h - Sessão 1:**

-O resto, de Pedro Gonçalves Ribeiro (Brasil/Portugal/20”/2021/Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa)

Este é o conto de uma cidade assombrada. Declarada morta por engano, a senhora Iolanda Bambirra vive como um fantasma entre a vida e a morte em Belo Horizonte, Brasil,

uma cidade em ruínas e sem vestígios do tempo.

-Jornada, de Maiara Rocha (Brasil/12”/2019/Unespar – Universidade Estadual do Paraná)

O cotidiano de trabalhadores em um cemitério.

-Não distante dali, de Nico Loiola (Brasil/15”/2018/Unespar – Universidade Estadual do Paraná)

A magnitude do efêmero vive no ruído da memória daquela que ousa lembrar.

-*Vëins (Des)Coneguts*/Vizinhos (Des)conhecidos, de Isaac Rodríguez (Espanha/3”/2021/ CIFO L’Hospitalet)

Há pouco tempo me mudei para Barcelona e pude conhecer meus novos vizinhos. Calculei que centenas de pessoas poderiam viver na minha quadra no Eixample. Diferentes vidas, ideais, rotinas e comportamentos que convivem parede a parede e se veem dia a dia.

-*Pour de vrai*/É sério, de Maria Claudia Blanco (França/21”/2021/La Fémis)

Mady e Merouane, de 11 anos, crescem juntos como melhores amigos na zona norte de Paris. Seu bairro parece tão grande quanto o mundo inteiro. O lugar perfeito para fingir ser adulto antes de se tornar um.

-Cauã, de Victoire Bonin (Brasil/ França/12”/2021/INSAS - Institut Supérieur des Arts)

São Paulo, fevereiro de 2021. O menino Cauã, 10 anos, passa o dia sozinho em casa.

**20h30 - Sessão 2:**

-Um pesadelo trincado, de César Rodriguez Pulido (Brasil/Colômbia/7”/2021/Instituto Federal de Goiás)

Uma colagem audiovisual sobre um pesadelo bélico e uma fissura decolonial.

-Anamnese, de Tiago Lipka (Brasil/13”/2021/Unespar – Universidade Estadual do Paraná)

Uma representação audiovisual do processo de demência degenerativa a partir de relatos reais de portadores desta condição.

-Elos da matriarca, de Thor Neukranz (Brasil/19”/2021/UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

No subúrbio do Recife, a matriarca Luzinete encara a vida com afeto e bom humor, como mostram as filmagens caseiras de família, entre 1995 e 2005. Com a pandemia, ela e sua amiga Ana desdenham dos riscos. A impensada infecção acontece e tudo muda.

-*Otra luz*/Outra luz, de Borja Hernández (Espanha/9”/2020 – Universidad de Navarra)

Ana e Jorge se casaram em 2005 e aos poucos a família foi crescendo. Agora, já são sete. Não é fácil prever o impacto que um novo filho - ou irmãozinho - terá na família. Crianças nascem todos os dias, é algo com que estamos acostumados, e no entanto continua sendo um dos acontecimentos mais admiráveis e incompreensíveis.

-Ângelo, de Mariana Machado (Brasil/28”/2020/UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais)

Um retrato fílmico de Ângelo Barbosa Monteiro Machado, cientista, professor de neuroanatomia e zoologia da UFMG, dramaturgo, escritor, ambientalista e entomólogo apaixonado por libélulas e borboletas.

-*Mi pequeña empresa*/Minha pequena empresa, de Celia Agüero (Espanha/9”/2021 – Universidad Europea del Atlántico)

Clara é uma mulher de 60 anos que viaja de trem todos os dias até Los Corrales de Buelna para cuidar de seus pais idosos. Mas sua jornada continua quando ela volta para casa, onde também faz tarefas domésticas, embora prefira dizer que administra sua “pequena empresa”.

**Sexta, 13/05**

**Cinemateca de Curitiba**

(R. Carlos Cavalcanti, 1174, São Francisco)

**19h - Sessão 3:**

-Em busca de Lélia, de Beatriz Vieirah (Brasil/15”/2017/UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

Lélia Gonzalez. Seguindo os passos desse nome, começo a busca pela minha ancestralidade e por retratá-la. Professora e antropóloga, mulher à frente do seu tempo, protagonista na militância junto ao Movimento Negro nos anos 1970/1980, período no qual percorreu diversas cidades e países, sempre afirmando sua identidade e denunciando o mito da democracia racial. Um símbolo de resistência e da luta pelos direitos de indígenas, negros e mulheres. Os afetos de Lélia me guiam por toda caminhada.

-Um documentário brasileiro, de Isabella Ricchiero e Giovanni Saluotto (Brasil/29”/2021/Unicamp)

O que pode o cinema pelo Brasil? Estudantes de cinema buscam o propósito de se produzir documentários, questionando o poder das imagens na construção de um imaginário nacional, a dialética entre representação e realidade, e a ética por trás de imagens difundidas amplamente pelas redes. O objeto dessa pesquisa são as representações de manifestações de rua no país.

-*Fuera de campo*/Fora de campo, de Wanda Davenport (Argentina/11”/2021/UBA - Universidad de Buenos Aires)

Um documentário feito por e para mulheres. Seis alunas do curso de Design de Imagem e Som da UBA se reuniram no primeiro ano da pandemia, em 2020, para desenvolver projetos documentais com uma perspectiva autoral, feminista e inclusiva. Este curta-metragem é um deles.

-Na impermanência dos equinócios, de Iury Peres Malucelli, Ju Choma e Rodrigo Tomita (Brasil/15”/2019/Unespar – Universidade Estadual do Paraná)

Enquanto o tão aguardado elevador é construído, a comunidade adepta relata o nascimento do templo budista Nishi Hongwanji de Curitiba.

-Diz que é verdade, de Pedro Estrada e Claryssa Almeira (Brasil/10”/2019/Centro Universitário Una)

Alexandre e Suelen são pessoas anônimas que exercem suas atividades cotidianas de forma ordinária até se encontrarem em um videokê do baixo centro de Belo Horizonte, onde viverão o estrelato por uma noite.

**20h30 - Sessão 4: Especial DocNomads**

DocNomads é um programa de Mestrado Internacional na área de realização documental leccionado sequencialmente em três universidades europeias: Universidade Lusófona de Lisboa, LUCA School of Arts de Bruxelas e Universidade de Teatro e Cinema de Budapeste. A cada ano são selecionados em torno de 25 alunos dentre mais de 300 candidaturas recebidas de todo o mundo. Com curadoria da própria instituição especialmente para o FIDÉ Brasil, esta sessão reúne curtas-metragens inéditos no Brasil realizados em edições recentes de DocNomads. Os alunos tiveram de se adaptar ao desafio de realizar filmes em períodos curtos e em lugares estranhos à sua origem linguística e cultural. A imersão destes artistas “nômades” em ambientes sociais e culturais muito distintos fortalece o desenvolvimento das suas capacidades relacionais e de pensamento crítico, ganhando autonomia em múltiplos aspectos do processo de cinema, cuja experimentação intensiva contribui para que encontrem seu próprio repertório de abordagens fílmicas.

-Tentative d’épuisement d’um coquetier/Uma tentativa de esgotar um porta ovos

Direção: Carlotta Solari (Bélgica)

(Bélgica/7’31”/2022)

Carlotta tenta entender a coleção de 1.063 porta ovos herdados de seu falecido avô. À medida que se lança a um meticuloso estudo quase científico do objeto, a pesquisa ganha um tom absurdo. Através deste exercício interminável, o filme é, em última análise, uma reflexão genuína sobre o destino do que deixamos para trás quando morremos.

-Espíritos e rochas: um mito açoriano

Direção: Aylin Gökmen (Suíça)

(Portugal/13’37”/2020)

Numa ilha vulcânica, os habitantes entram em um ciclo interminável: a ameaça de erupções e terremotos iminentes – e o fardo de traumas passados – paira sobre eles. Alguns recorrem a mitos e crenças religiosas para interpretar sua frágil situação, enquanto outros demonstram resiliência, reconstruindo suas aldeias a partir das rochas vulcânicas.

-Pacific /Pacífico

Direção: Angie Obeid (Líbano)

Bélgica/22’16/2019

Sempre que eu andava pelos corredores escuros para chegar ao meu apartamento, sempre que eu olhava pela janela e mergulhava naquela ampla vista da cidade de Bruxelas, sentimentos inusitados afloravam. Até o dia em que li um artigo sobre meu prédio, o edifício Pacífico, intitulado “a torre suicida”.

-Terraria

Direção: Hanna Hovitie (Finlândia)

(Hungria/17’56”/2018)

Incapaz de se encaixar no mundo dos humanos, Musi prefere passar o tempo com suas cobras de estimação. Ele cuida delas com extraordinária empatia, as acolhe, dá banho e alimenta como se fossem seus filhos. Às vezes ele sai em caminhadas para procurar cobras selvagens. A solidão é seu modo de sobrevivência, mas é também seu maior inimigo. Ao retratar a luta humana para preencher o vazio, Terraria explora uma vida alienada e as correlações entre causa e efeito.

-Chroniques d’um film colonial/Notas sobre um filme colonial

Direção: Hernán Baron Camacho (Colômbia)

(Bélgica/15’33”/2020)

Um diretor belga é contratado para fazer um filme retratando o caminho da selvageria à civilização no Congo Belga. Trinta anos se passam até que o projeto seja concluído. Quando o filme termina, o diretor descobre que os personagens que ele criou escapam à sua compressão. Notas sobre um filme colonial é composto de vários filmes coloniais belgas que vão de 1926 a 1958, apenas dois anos antes da independência congolesa.

**Sábado, 14/05**

**Cinemateca de Curitiba**

(R. Carlos Cavalcanti, 1174, São Francisco)

**18h – Sessão Retrospectiva: Rita Moreira e Norma Bahia Pontes**

Exibição de documentários seguida de bate-papo com Rita Moreira e a pesquisadora Camila Macedo

O ano é 1972, auge da ditadura militar no Brasil, e as jovens Rita Moreira (1944) – à época, redatora e editora da Revista Abril – e Norma Pontes (1941 - 2010) – crítica e cineasta ligada ao Cinema Novo, que já havia, até ali, dirigido seus primeiros curtas-metragens, *Os Antilhenses* (1967) e *Bahia Camará* (1968) – decidem se mudar para os Estados Unidos, onde um curso de vídeo-documentário acaba de ser inaugurado na New School For Social Research, em Nova York.

Se, até pouco tempo antes, as câmeras de vídeo eram sinônimos de equipamentos grandes, pesados e de difícil operação, naquele momento, com o lançamento das filmadoras portáteis, sair às ruas registrando imagens eletrônicas deixava de ser uma prerrogativa dos canais de televisão e se tornava, também, um campo fértil para artistas independentes.

Será, assim, nas ruas nova-iorquinas que o casal de documentaristas se aproximará dos efervescentes movimentos lésbico e de mulheres do período, dando início, ainda em 1972, à série de vídeos intitulada *Living in New York City.* Nos trabalhos produzidos por elas, a documentação da vida na cidade, feita a partir de um ponto de vista feminista, assume seu caráter iminentemente político, não só no que diz respeito às temáticas abordadas, mas também à própria ética presente na escuta interessada e implicada de outras mulheres.

*Lesbian Mothers*, primeiro documentário da série, realizado ainda durante o curso na New School, foi selecionado como representante da instituição no primeiro Festival de Vídeo de Tóquio. Os trabalhos subsequentes – *Lesbianism Feminism* (1974), *She Has a Beard* (1975), *The Apartment* (1975/76)*, On Drugs* (1977) e *Walking Around* (1977) – foram viabilizados por uma bolsa da Fundação Guggenheim e distribuídos pela *Amazon Media Project*, distribuidora independente e sem fins lucrativos formada pelas realizadoras.

**Lesbian Mothers** (27'/1972)

No primeiro vídeo da série *Living in New York City*, mulheres lésbicas dão depoimentos sobre suas experiências com a maternidade.

**She Has a Beard** (27'/1975)

Nas ruas de Nova York, uma jovem de rosto barbado entrevista outras transeuntes a respeito dos pelos faciais em mulheres.

**Lesbianism Feminism** (29'/1974)

Na Nova York dos anos 1970, a presença de lésbicas no movimento de mulheres acaba por transformar o feminismo.

**Rita Moreira** é escritora, poeta, editora e cineasta, integrante da geração pioneira do vídeo independente no Brasil. Ainda muito jovem, foi letrista parceira de Paulinho Nogueira e publicou dois livros de poesia pela Editora Martins (*Maria Morta em Mim* e *A Hora do Maior Amor*). Depois de anos na Editora Abril como redatora, tradutora e editora de textos, mudou-se para Nova York (1972), onde se formou em vídeo-documentário pela New School for Social Research. Nos Estados Unidos, foi correspondente do Semanário Opinião e continuou a escrever artigos para revistas brasileiras, dando início, ao mesmo tempo, à sua vasta e internacionalmente premiada produção de documentários em vídeo, dentre eles, a série *Living in New York City,* realizada em parceria com Norma Bahia Pontes. Seus trabalhos audiovisuais mais recentes incluem os documentários *Caminhada Lésbica por Marielle* (2018) e *Ti-Grace Atkinson - uma biografia de ideias* (2019).

**Norma Bahia Pontes** foi cineasta, videomaker e ensaísta, integrante da geração pioneira do vídeo independente no Brasil. Estudou direção e montagem no Institut de Hautes Études Cinematographiques, em Paris, nos anos 1960, e se formou em vídeo-documentário pela New School for Social Research, em Nova York, no começo dos anos 1970. No período em que viveu nos Estados Unidos, foi contemplada por uma bolsa da Fundação Guggenheim que viabilizou a produção da série *Living in New York City*, realizada em parceria com Rita Moreira. Soteropolitana, faleceu em 2010, no Rio de Janeiro.

**20h30 - Sessão 5:**

-Lyz Parayzo Artista do fim do mundo, de Fernando Santana (Brasil/15”/2019/UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana)

A trajetória de Lyz Parayzo, artista visual carioca que discute, através de suas obras e performances, qual o espaço da arte em um corpo não binário provindo da periferia, revelando o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Pela falta de autorização, pela intromissão, pela inclusão não desejada.

-*El muro de las constelaciones*/O muro das constelações, de Olivia Nuss (Argentina/8”/2020/ENERC – Escuela Nacional de Realización y Expermientación Cinematográfica)

María Laura é uma mulher que empreende uma luta contra a morte simbólica que implica a invisibilidade de ser trans. Enquanto reconstrói sua identidade, ela resgata do esquecimento a história de seus antepassados.

-Tirou minha máscara me deixando apenas de máscara, de Camilla Jan (Brasil/11”/2020/ CEUNSP – Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio)

Um documentário experimental e poético que reflete sobre o gênero como ferramenta de controle e a corpa trans enquanto forma de transcender máscaras sociais.

-Bulha, de Daniel Couto (Brasil/11”/2021 – Universidade Federal de Juiz de Fora)

As causas (e as consequências) do fechamento de uma passagem de nível em um bairro da periferia de Juiz de Fora (MG).

-Salgar, de Pedro Vinícius (Portugal/15”/2021 – DocNomads)

Um casal de trabalhadores do sal luta para sobreviver enquanto a paisagem ao redor é modificada e seu trabalho está prestes a desaparecer. Aveiro foi um importante local de produção de sal em Portugal, mas esse cenário mudou radicalmente. As salinas da região foram transformadas em pontos turísticos e a produção de sal praticamente desapareceu. Um fenômeno inevitável, liderado pelo contínuo desenvolvimento tecnológico em todo o mundo.

-Próceres, de Carolina Gil Solari (Argentina/12”/2020 – Universidad de Buenos Aires)

Em 1971, uma seleção argentina de futebol feminino representou o país na Copa do Mundo no México. Elas viajaram com os escassos recursos que tinham e lutaram para ficar até o final do campeonato. Lá, foram capa de jornal, enquanto em seu país foram invisibilizadas. Este documentário conta essa façanha, apagada da história do esporte por uma sociedade que não via a relação entre mulheres e futebol como algo possível.

**Domingo, 15/05**

**18h - Sessão 6:**

Do outro lado do Atlântico, de Márcio Câmara e Daniele Ellery (Brasil e Cabo Verde/90”/2015, UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Filmado no Brasil e nas ilhas de Cabo Verde, o documentário aborda as diversas percepções sobre identidades e culturas de estudantes africanos de língua oficial portuguesa que estudam ou estudaram em universidades brasileiras. Dos dois lados do Atlântico, são contadas histórias de partidas, permanências e regressos, encontros e desencontros de ideias, espaços, desejos e sonhos.

**20h30 - Sessão 7:**

-Crescer onde nasce o sol, de Xulia Doxáqui (Brasil/12”/2021 – Universidade Federal de Pernambuco)

No Alto do Sol Nascente não tem praça, nem parque. As crianças que crescem onde o sol nasce demarcam com as próprias mãos os territórios do brincar.

-Remanescente, de João Victor Avila (Brasil/24”/2019 – Centro Universitário SENAC)

Até a década de 60, o município de Guapé era uma próspera cidadezinha no sul de Minas Gerais que fora alagada pela construção da barragem de Furnas em 1963. O documentário retoma a memória de pessoas que viveram na antiga Guapé e resgata as histórias que foram levadas embora por uma promessa governamental de avanço e progresso que nunca chegou.

-Cores de Outono, de Lucas Tavares (Portugal/7”/2020/Universidade da Beira Interior)

Uma sensorial viagem a um quadro em movimento, onde nossos sentidos são desafiados por uma delicada imersão em imagens e sons de paisagens de outono.

-Ciudad hostil/Cidade hostil, de Joaquín Echevarría (Argentina/10”/2021/ENERC - Escuela Nacional de Realización y Expermientación Cinematográfica)

A realidade da vida na cidade de Buenos Aires se revela ao despojá-la do elemento que marca sua lógica: o tempo. Tudo o que acreditamos saber perde sua forma, e o que está oculto vem à tona.

-àprova, de Natasha Rodrigues (Brasil/15”/2020 – Universidade Estadual de Campinas)

A conquista da aprovação das cotas étnico-raciais na Unicamp ocorreu em 2017, devido à mobilização de centenas de pessoas de dentro e fora da instituição. Entre os vazios da universidade e o brado tempestuoso da luta pelas cotas, o documentário-ensaio *àprova* apresenta as vozes de quem viveu e ainda vive a Unicamp sob as forças do racismo e da discriminação.

-Seremos ouvidas, de Larissa Nepomuceno (Brasil/13”/2020 – Centro Europeu)

Como existir em uma estrutura sexista e ouvinte? Gabriela, Celma e Klicia, três mulheres surdas com realidade diferentes, compartilham suas lutas e trajetórias no movimento feminista surdo.